

Achei a foto, Cláudia!



E nos meus ouvidos ainda ecoam as gargalhadas durante a pausa de trabalho para escrever aquele último texto que nos deu uma dor de cabeça danada. Rindo, Cláudia Roncarati ridicularizava as nossas pernocas naqueles tubinhos curtíssimos que nos engordavam, quase todos com cintura alta do tipo princesa, tendência da moda na virada dos 1960 para os anos 1970.

Mas e a foto? Onde a tinha guardado?

Da formatura na PUC até a partida para o Ceará, Cláudia seguiu caminhos por onde não andei. Só lá na frente, em meados de 1980, o telefone tocou num domingo à noite, de Fortaleza. Ouvir sua voz pedindo ajuda e acolhê-la foi o passo para a retomada de um “tempo perdido”. A vida cruzava de novo nossas experiências.

Gerativista de formação, Cláudia precisava aprender a rodar o VARBRUL (à época, a versão do atual GoldVarb), com o objetivo de analisar a fala dos cearenses e de controlar o efeito de algumas variáveis em relação à construção *sei não* (marcador dialetal) em variação com as demais estruturas de negação no PB. Assim, aos poucos, foi acontecendo sua inserção na Sociolinguística. Nunca escondeu, porém, seu interesse pelo componente biológico da linguagem, pilar de sustentação teórica de sua tese.

Sem que nos apercebêssemos, Cláudia passou a compor a equipe de pesquisadores do PEUL, contribuindo de forma decisiva para o grupo. De aprendiz, entre uma estadia e outra no Rio, logo passou a liderar a composição do Banco de Dados Interacionais (BDI) e ajudou a finalizar a Amostra de Jornais. Ainda organizou duas coletâneas, *Variação e Discurso* e *Variação e Aquisição*, uma delas com a decisiva e última contribuição da Alzira Macedo.

De volta ao Rio, ingressar no quadro docente da Universidade Federal Fluminense (UFF) institucionalizou definitivamente Cláudia na vida acadêmica no Brasil. Lá, a eficiente professora de Língua Portuguesa foi conquistando sucesso entre alunos e colegas, equipada com base teórica sólida, adquirida nos bancos da PUC e complementada pelo doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sob orientação de Miriam Lemle.

Para Niterói, levou a ASSEL-RIO. À frente da Associação, iniciou impressionante trabalho de interiorização que veio a consolidar-se na gestão em São Gonçalo. Arrebanhando e atraindo um contingente enorme de jovens professores, favoreceu a chance única de contato com a Academia a muitos pesquisadores iniciantes.

Não satisfeita, Cláudia integrou a equipe dirigente da ANPOLL durante a gestão de Laura Padilha, por quem tinha admiração especial. Ainda na UFF, atuou de forma determinante para a excelência do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

A pesquisadora também não deixou por menos. Seus trabalhos, cercados de cautela, eram precedidos de muita reflexão e estudo. Solicitava a leitura de seus textos a colegas ilustres, antes de expô-los. Anthony Julius Naro estava sempre na lista, este que, em parceria com Sebastião Votre, organizou o famoso livro *Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*.

Cláudia Roncarati fez incursões por todo o país, em congressos, bancas, eventos, concursos... A fama de arguidora “que-não-passa-nada” de dissertações e teses correu mundo afora. Criou método próprio de ler trabalhos que ia das referências para a amostra, da análise para a metodologia... Tentei aprender. As aulas não foram suficientes para eu me apropriar completamente da técnica de ler no mínimo 3 ou 4 vezes uma tese e destrinchá-la minuciosamente num espaço mínimo de tempo. Os candidatos queriam-na na banca, com um misto de receio-respeito-ansiedade, com a certeza de que a pesquisa seria dissecada nos mínimos detalhes e de que as contribuições viriam enriquecer, aprofundar, apontar defeitos e, por que não, receber alguns elogios.

Nos idos de 1990, partiu para um estágio pós-doutoral nos Estados Unidos. Voltou mais funcionalista. Desde então, muitas inquietações como pesquisadora motivaram-na a investigações novas, com abordagens arrojadas, que culminaram com seu livro de sonho, *As cadeias do texto: construindo sentidos*.

A doença apareceu na segunda metade do ano de 2002, durante os preparativos para o megaevento da ABRALIN no Rio. Após o efeito devastador da cirurgia e do tratamento, a então super Secretária da Associação fez questão de se instalar no Glória para recepcionar os ilustres linguistas daqui e do exterior durante o Congresso, em fev./mar. de 2003. Do café da manhã ao jantar, não perdeu um minuto sequer dos encontros acadêmicos e sociais.

Anos mais tarde, conquistou assento como Conselheira, representando a ABRALIN na região sudeste. Em segredo, me confidenciou que finalmente realizava um dos muitos sonhos. Atuou como assessora atenta e eficiente às equipes dirigentes sob o comando de Thaís, Dermeval e Maria José.

Viveu anos de luta para reconquistar a saúde curtindo a tão desejada casa nova. A eufórica liberdade de ter o próprio espaço tornou-a ainda mais minuciosa. Tudo novo, nos mínimos detalhes! E como se orgulhava do apartamento de boneca, bem pertinho da mamãe, exatamente em frente, para matar a saudade quando lhe apertasse o coração. Dentre os quase 60 imóveis que visitou, era aquele o ideal. Até o número do telefone, de tão parecido com o da mãe, me obrigava a telefonar para D. Iris para lembrar o seu.

Este não é seu Memorial de Títulos para o concurso, tão almejado, de Titular da UFF. Basta passear pelo Lattes ainda *on-line* (espero) para recompor sua história acadêmica, edificada por vocação, mérito, competência, disciplina e determinação.

Aqui mais interessa ressaltar as festas de fim de curso, a cada semestre, com que todas as turmas lhe presenteavam. Não cheguei a participar de nenhuma delas. A imaginação viajou-me nas recontadas histórias dos bolos, dos doces, dos presentes, através de narrativas vibrantes. A Mestra não admitia terminar um curso sem

Le grand final. Fazia parte do ofício de professora ministrar excelentes aulas com disciplina impecável, avaliação minuciosa e a realização de uma homenagem à Tia. Por que somente para as “tias” dos colégios?

Aos orientandos, tudo. De ordem, inteira dedicação! Firme e amiga, era a parceira desejada para chegar à conquista da titulação. Todos eles, mestres e doutores, exibiam brilho próprio. Não houve quem não tivesse a convicção de que, passada pelo crivo de Cláudia Roncarati, a pesquisa valeria a pena.

Assumir cargo de liderança era com a Roncarati mesmo. Numa dobradinha imbatível com Jussara Abraçado, coordenou o GT de Sociolinguística. As duas criaram a Série PB, que rendeu dois importantes volumes, legado deixado na nossa agenda que, rígida e brilhantemente, vem sendo cumprida por Jânia Ramos, Dermeval da Hora, Mônica Savedra e Marco Antonio Martins.

Também não foi diferente na AILP. Aliada a amigos fiéis – Jussara Abraçado, Ricardo Cavaliere, Edila Vianna da Silva, Maria Lúcia Leitão –, empreendeu gestão marcada por evento internacional de sucesso no final de 2010. Escondendo uma infecção que lhe custou “caro” depois, lá estava a Presidente, participando e acompanhando toda a programação intensa que, mesmo sob advertência médica, insistiu que fosse implementada.

Restava finalizar o pos-doc com o Ataliba, a prestação de contas às Agências que haviam repassado aportes importantes para o evento realizado no *Campus* Gragoatá, o relatório final de pesquisa para o CNPq, a proposta de um novo projeto, o curso do primeiro semestre de 2011, a palestra no IBICT, a entrevista sobre a história do GT de Sociolinguística, o texto da Quarta Capa do livro da Lucia Cyranka, o artigo para a Stella...

Zerou a pauta, a Cláudia, e se foi.

E agora, quem irá às compras com a Malu? Quem levará empadinhas para as festas do Naro? Quem fará a revisão dos textos? Quem dará os parabéns nos aniversários? Quem escreverá os posfácios dos livros em homenagem aos colegas?

Urgente! Alguém tem que dar a dica da loja que vende o fantástico porta-documentos, levinho, para embarcar nos aviões com aquele incrível sorriso de aventura...

Cecilia Mollica

